

Anno IV  
Semana 1906

# O Clarim

EX-"JOCOSO"

ORGAM LITTERARIO, RECREATIVO E ILLUSTRADO

Director—Francisco Romero  
Redactor—Dutra Nogueira  
Critico—Paulino de Almeida

REDACÇÃO LADEIRA DA MEMORIA, 6

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

\* COLLABORADORES DIVERSOS \*

## Nosso IV Anniversario

### Quatro annos



Francisco Romero  
Director

O Clarim, ao festejar a passagem do quarto para o quinto anno de existencia, apresenta-se um tanto mais elegante, vestido com superior fazenda, caprichosamente escolhida pelos ultimos figurinos.

Folga elle em toda a sua extensão, ao lado dos seus amáveis collaboradores e gentilissimas collaboradoras, que tão assiduamente têm abrilhantado com as suas apreciadas e valiosas producções as suas modestas e desprezenciosas columnas.

Esquivar-se á referencia dos nomes d'aquelles que tão desinteressadamente o vêm honrando com os seus concursos, seria uma falta imperdoavel.

Ferreira de Carvalho, Andreino Assis, Julio dos Santos Junior, Alfredo Assis, José Gumercindo, Emílio de Figueiredo, Amador Cobra, José dos Santos Salles, Padua Lopes, Antonio Pimentel, Orlando Bomfim, Bittencourt Junior, Zico Varella, Alberto Balhazar e Oscar Brissola são credores de boa messe de applausos, pela deferencia com que sempre se houberam para com esta redacção.

O elevado talento litterario d'esses denodados timentemente reconhecidos, pelas demonstrações altamente distinctas com que deram provas por muitas vezes nas paginas desta folha.

Tanto na polemica, como no humorismo e na poesia, encontra-se, n'esse honroso quadro de nomes, intelligencias fulgurantes que, ora com a razão, ora com o chiste e inspiração, convencem claramente e fazem rir e admirar a todo aquelle que se não desvia da justa e sã consciencia.

Essa falta imperdoavel estender-se-ia tambem ás nossas preséntimos collaboradoras Climène Duval Baroni, Izabel Vieira Serpa, Gaetanina Piro, Aristotelina Maranhão e Mathilde de Araujo —um verdadeiro bouquet de flo-

res humanas—a quem O Clarim muito deve e a quem n'esta opportuna e justa occasião manifesta os seus profundos agradecimentos pela distincção dispensada.

Aos meus companheiros de trabalho—Dutra Nogueira e Paulino de Almeida, elementos primordiais d'esta folha, agradeço do fundo d'alma a sua nunca desmentida e leal camaradagem com que sempre me honraram.

A todos enfim, collaboradores e collaboradoras, assignantes e annunciantes, amigos e collegas, O Clarim supplica mais uma vez a continuação dos seus relevantes auxilios, unicos que animam e enthusiasmam, para proseguir sem o menor desanimo na senda encetada.

F. ROMERO

### EM ROMARIA



Paulino de Almeida  
Critico

— Lembro-me ainda, como si fôra hoje, d'aquella tarde de maio em que deixámos o Retiro... O Retiro, que logar sublimel! Que vista! Situadas na encosta do morro do mesmo nome, viam-se semi-ocultas entre o denso arvoredo, algumas casinholas carcomidas pelo tempo... Apenas um estreito caminho as ligava entre si... Por detraz das mesmas erguia-se o morro e na frente a ampla e esplendida bahia do Tarapandé, em cujo centro se destaca a formosa ilha da Casca, cercada de altos penedos, tendo apenas uma pequenissima praia, de uns seis ou oito metros. No centro erguia-se uma casa de pescador, e costeando o penedo, altas palmeiras...

Lembro-me muito bem... O sol tombava no Occaso; a ilhota e os morros lançavam n'agua uma sombra escura... Dormia a bahia e apenas, ao longe, com o sopro terno da viração, deslisavam duas canoas e uma falua, de velas alvas, muito alvas, cujas sombras destacavam-se de longe... Cantavam pescadores, pela praia e passaros nas arvores...

II

Naquella noite a nossa folia deveria pousar na ilhota.

Era uma promessa do morador, um pobre Appolonio, que numa noite, sob as azas do vento sul, quasi á Morte, chamára o Divino em seu auxilio...

Um tiro de morteiro quebrou o silencio da tarde... Já havíamos então percorrido as casas do Retiro e ao som da caixa e das violas, os nossos foliões de pé, na praia se despediam dos moradores do bairro. A bandeira do Divino plena de fitas multicores, erguia-se no centro do grupo e desfraldava-se ás virações da tarde que morria. Que triste adeus!...

Lembro-me ainda... Velhas e velhos, moças e rapazes, num murmuro, soluçavam enxugando as lagrymas...

Aquelles cantos rudes mas sonoros, dilaceravam seus corações... Era o adeus... O Divino ia partir, abrir as azas... até o anno indouro... No anno anterior, outros pescadores tambem alli se achavam, numa tarde como essa e agora... uns, de molestias, outros, arrastados pelas ondas... haviam morrido... Portanto aquelle adeus lhes trazia uma recordação do Passado e um presentimento futuro... Sim, que no outro anno muitos dos presentes talvez tivessem de partir para nunca mais... Quanta recordação...

III

Sobre uma pedra, com o lenço nos olhos, chorava amargamente uma linda rapariga... Cercavam-na algumas pessoas, acalentando-a... A sua historia era bem triste.

No anno anterior havia sido seu noivo, quem descera á frente para a praia, conduzindo a bandeira. Seu noivo, um lindo pescador que, numa noite de borrasca em que o vento sul o surprendera em plena bahia, morrerá.

Sómente chorava por elle, no silencio de seu quarto, nas horas melancolicas do por do sol, nos momentos de saudades. Mas n'es-se instante, recordando-se do anno anterior, como que o vendo da praia, chorava desesperadamente...

Finalmente num ultimo estribilho, triste, muito triste, o triple com tres lugubres pancadas na caixa, terminou a despedida... Sómente os abraços e as lagrimas restavam.

De labio em labio passou a pombinha branca, firmada no exterior da bandeira cujo panno rubro os velhos collocavam sobre as cabeças. Em breve embarcamos e ao som da caixa, aproumos a canoá para a ilha da Casca, donde partiam vozes, fogue-

tes, e sobretudo, os tiros do morteiro, quebrando a solidão...

Reinava um silencio profundo na Natureza, emquanto a lua cheia, surgia ao longe, lançando n'agua uma fita prateada...

Paulino de Almeida.

(das Noites á beira mar—VIII.)

### CHRONIQUETA



Dutra Nogueira  
Redactor

Maio é o mez das flores e de Maria. Mez de alegria, dessa alegria festiva e misteriosa que o christianismo rende numa só communhão de fé á Santa Virgem.

Um odor agradável sobe aos ares, uma musica sonora e uns canticos suaves ecoam pelos templos sagrados e vêm morrer nos corações dos fieis crentes de Maria Santissima.

Pois bem, foi neste poetico mez de um céu bellissimo e de um sol resplandecente que appareceu «O Clarim», fundado por um grupo de moços, cheios de vida e dedicação pelas letras.

Para nós a data de 25 de Maio é-nos summamente grata.

Arcando com os obstaculos que a cada passo se nos deparam, conseguimos vencer a nossa modesta folha o seu quarto anno de lutas.

No percurso deste longo itinerario cheio de esperanças, sabe Deus quantas vezes não nos sentimos empolgados pelo desanimo e difficuldades pecuniarias mas o esforço e a constancia fizeram com que o nosso quinzenario entrasse todo victorioso no seu quinto anno.

E' hoje, pois, que «O Clarim» completa o seu anniversario de serenas conquistas, e nós revestidos de contentamento, com os corações embebidos no enthusiasmo o saudamos por mais esse triumpho.

Cada vez mais firmes e corajosos havemos de proseguir no ideal que tanto adoramos, porque ainda nos resta um que de animação e altivez para, com mais ardor e enthusiasmo per-

correr o caminho traçado e aperfeiçoar-nos nas lides da Imprensa.

Neste dia excelso e solemne da passagem de mais um anno da nossa folha, é justo que entoemos um hymno em commemoração á festiva data.

O chronista congratulando-se com este honroso facto, sauda vivamente a todos os seus collegas de trabalho e a todos os leitores d'«O Clarim».

Hip! Hip! Hurrah!

DUTRA NOGUEIRA

## O CLARIM



Ferreira de Carvalho

Distincto professor e nosso antigo collaborador

Dizem os entendidos em assumptos de espiritismo e transmigração, que a alma humana tende sempre a aperfeiçoar-se, encarnando-se e reencarnando-se até chegar ao completo estado de perfeição.

Eu, apesar de dotado de um espirito acanhado e rachitico, talvez mesmo dos de *vigessima* ou *trigessima ordem* (que o digam os apóstolos de Allan-Kardec), entendo contudo que tal phenomeno não é exclusivo do ser humano; elle pode estender-se a qualquer ser animada ou mesmo á materia inanimada.

O espirito de um cão, que n'este mundo teve uma existencia arrastada e um intellecto estúpido e tacanho, porque não resurgirá mais tarde no corpo de outro *collega*, ostentando um espirito lucido e intelligente? O cavallo, que passou cá na terra bisonho, cabisbaixo, de olhar absorto e *mazombo*, porque não apparecerá amanhã metamorphoseado em um bucephalo elegante, espirituoso, vivo, um bucephalo catita, que seja a admiração das turbas?

Com a materia dá-se, pouco mais ou menos, a mesma cousa: ella forma-se, transforma-se, reforma-se e deforma-se, isto é, nasce, aperfeiçoar-se, envelhece e morre, para mais tarde volver a novo apparecimento e novas mutações. E' a evolução.

Não se eximiu o «Jocoso» á ordem natural das cousas. Formou-se e cresceu, bonitinho, alegre, risonho, *jocoso*; começou em seguida a echoar mais longe, deixando ouvir sons mais rutillos e fortes, cada vez mais fortes, até que se transformou em «Clarim». O Romero tinha-lhe sido pae carinhoso; agora transformara-se tambem em padrinho.. de chrysmas.

Pois, meu caro, já que mais um anno vae passando sobre o seu afilhadinho, e que incolume tem atravessado as duas primeiras phases da vida sublimar; já que elle transmigrrou de «Jocoso» para «Clarim», apresentando-nos um *espirito* de outra cathogoria muito superior, oxalá

que a terceira phase se prolongue indefinidamente e a quarta nunca chegue, dispensando reaparecimentos e mutações.

F. DE CARVALHO

### O homem está condemnado a ser um ente inutil?

Não! Enganam-se aquelles que affirmam que o feminismo será em breve uma realidade; que o homem vae em breve perder a supremacia incontestavel que até o presente tem sobre o sexo fraco, o qual se vae tornando forte, para chocar suas forças com as do homem, condemnado já á derrota n'uma lucta *perigosa*, como soem ser todas aquellas que se travam entre o homem e mulher, em qualquer terreno.

Creada para os affectos, a mulher ha de ser sempre o sacrario destes, sacrario a cuja entrada ha de o homem ir sempre bater em busca do amor, sentimento indispensavel para viver. O perigo estaria em a mulher recusar-lhe esse pedido, esse alimento para o seu coração; seria, então, vencido, porque o golpe fôra dado no coração.

Mas, essa recusa seria impossivel, visto como a mulher (e em grau elevado) precisa do amor para viver; se ás vezes nega-o a um pobre mortal, se recusa ouvir-lhe a *confissão*, vae d'ahi a pouco ouvir a outrem; é uma questão de escolha; mas sempre concede. Se a mulher pudesse recusar aos homens naturalmente, obstinadamente o

### Cruel barbarismo



A gravura acima representa a torpe vingança a que foram submettidos os assassinos do ministro allemão na China, depois da reparação que o governo deste fez ao do Celeste Imperio.

seu amor, então triumpharia o feminismo. Neste ponto, porém, ha perfeita identidade de posições, perfeita reciprocidade: tanto um como outra não podem se hostilizar nesse terreno: seria o aniquilamento de ambos, o mundo riuira abaixo com toda a ser-teza.

Em tudo mais, a desproporção é enorme. Na sciencia o homem tem sido sempre o vencedor; assombra o espirito a ennumeração das grandes descobertas que elle, só elle, tem conseguido, salvo raras excepções, que por isso mesmo confirmam a regra. Em todos os tempos, em todas as epochas, a historia nos fornece exemplos admiraveis do quanto pode o sexo forte; seria longo ennumerar todos os agigantados heróes modernos e antigos do sexo masculino e ao lado destes, pallidas figuras de rainhas, e de algumas outras mulheres das quaes duas são tristemente celebres.

A mulher viveu e viverá sempre á sombra do homem, porque ella é fraca e precisa de amparo e elle é forte e pode amparala. Esta sujeição é muito grata ao coração feminino, o que se manifesta nestas palavras repetidas por todos, nos momentos em que sentem as doçuras do amor—*sou tua!*... O homem diz tambem *sou teu!* mais por condescendencia, por conhecer que essas palavras têm o effeito da musica e penetram até o coração, repercutindo.

A lucta pela vida é incompativel com o temperamento affectivo do sexo fraco. Os labores em prol da sciencia são demasiados para suas fracas forças; seu cerebro é contrario ao raciocinio e nella predomina o coração e não a razão; ora quem não raciocina não pode alcançar as grandes concepções e são essas que dão ao homem o cunho de superioridade.

Os logares que as mulheres hoje occupam fóra da sua primitiva es-

phera, foram pelos homens deixados; pois que estes seguiram além em busca de novos e mais profundos conhecimentos.

Na constituição do Universo cada cousa occupa seu logar e não podemos, sem prompto arrependimento, alterar a ordem admiravel que preside o mundo. No firmamento paira o Sol radiante, poderoso, abrindo a marcha aos planetas,—é a imagem do homem; á noite surge a Lua meiga, tranquilla saudosa,—é a imagem fiel da mulher.

Louge sonhos e chimeras: não queiram se elevar em azas de cera para depois cahir, como Icaro. Procurem ornar sempre o coração com as nobres e elevadas virtudes, que são o encanto dos homens, e não prestem ouvidos aos hymnos cantados em louvor da emancipação da mulher.—é o canto da sereia; bem perto está o sorvedouro. As glorias, os triumphos da mulher estão na familia; é esse o seu logar, o seu throno.

HOMEM.

S. Paulo, 4-5-06.

### Acrostico

O mado em galas, cheio de fulgores,  
O lthe O Clarim a flôr de mais um anno,  
O ouro colhido do passado ufano,  
L ureola da gloria e esplendores...  
R astros deixando de uma luz intensa  
I rradiando pelo céu da imprensa.  
M arche elle|altivo sobre um chão de flôres!

A. Padua Lopes

papel importante, o capital valor, que possui a Imprensa: é ella a directora grandiosa da Opinião publica; por ella se desenham e se sobrelevam governos; ella levanta revoltas e abafa guerras.

«O Clarim» occupa um lugar saliente, na alta gerarchia da imprensa, tem portanto, direito a uma avalanche sopora de parabens pelo anniversario fe-tivo que hoje faz, engalanando suas columnas. E' seo 4.º anno, que cumpre. Sim, essas palavras resumem toda a epopéa grandiloqua dos exforços de seos illustres redactores, na mantença lúsidia de seo periodico. Tem elle atravessado com gallardos triumphos, esplendorosas victorias, esses quatro marcos luminosos de sua vida. Nas suas tendas está sempre a bandeira tremulante de seos ideaes, bafejada pela aura da Esperança e de ha muito beijada pela Victoria, que lhe tem trasido não poucas messes de fartos loiros.

Sua vida operosa e digna, está toda transcripta radiosa, em suas columnas, onde se poderão ver os excelsos beneficios, que tem prestado o sympathico jornal de Francisco Romero.

A Arte tem alli cultivadores emeritos, que terçam triumphalmente os floretes finos da dialectica; a literatura tem-se alli defendido com valentia; a Patria deve immenso aos seos trabalhos.

Todo jornal—desde o mais modesto—presta ao paiz incontesteis serviços, batalhando pelo seo aperfeiçoamento, clamando em prol de seo progresso.

Neste dia em que «O Clarim» festeja mais um triumpho, nós que mais podemos desejar-lhe sinão a continuação futura de sua prosperidade?

Abraçando, pois, os seos directores, a quem desejamos luminosas victorias, saudamos ao progresso crescente da sympathica publicação paulistana.

Maio—06.

ANDRELINO ASSIS

### Canção de um desilludido

(Ao Paulino de Almada—poeta e amigo)

Cantae, cantae raparigas,  
Cantigas e mais cantigas,  
Emquanto a Magua não vem;  
Cantae, cantae raparigas,  
Que amanhã virão fadigas,  
Tristeza e pranto tambem.

Tendes muito tempo ainda  
De chorar, que a Dôr não finda,  
Cessa um instante somente;  
Ella vae, mas volta em breve  
Mais agil e menos leve,  
Talvez mais trefa e pungente.

Durante a vida, a Alegria  
E' coisa que dura um dia...  
Não dura, por certo, mais.  
Aproveitae, pois, o dia,  
Que é esquiua e fugidia  
A alegria que albergaes.

Tambem eu, quando menino,  
Tamanino, tamanino,  
Tive alegria a faltar.  
E hoje o que tenho?—Saudades,  
Decepções, contrariedades...  
Pezar, somente pezar!

Cantae, cante raparigas,  
Cantigas e mais cantigas  
Emquanto a Magua não vem;  
Cantae, cantae raparigas,  
Que amanhã virão fadigas,  
Tristeza e pranto tambem!

19-V-06.

A. CARVALHO PIMENTEL.

### O Clarim



Dr. Andreilino Assis  
Nosso prestimoso collaborador

A missão da Imprensa é talvez, a mais nobre, de entre todos os commettimentos humanos.

O livro é um amigo incontestavel e sabio; mas immutavel, não caminha, é sempre a mesma coisa, deixa-nos eternamente a mesma impressão. O jornal é que vae, dia a dia, corrigindo os defeitos da sociedade, vae historiando os factos transeuntes, vae recordando os factos transactos. E' um moralizador diario e sempre novo; é um compendio de historia diurna.

Nas columnas de um jornal, photographam-se todos os accidentes sociaes. Elle penetra victorioso em todos os lares—levando as noticias Vê-se desde logo o

Bibliographia

DILUCULOS

Entre os diversos livros que, nesta febre de publicações temos recebido, está o do sr. Edgard de Mello, alumno de Pharmacia.

Notámos nas cento e tantas páginas do seu livro, varios defeitos taes como: de metrificação, portuguez e, o que talvez até hoje ainda ninguém notasse—falta de inspiração. Não atinamos com os motivos, que arrastaram tão cedo, o sr. Edgard, á publicação dos «Diluculos».

Outra cousa mais que notavel notabilissima até, é a falta por completo, de pontuação. Não encontramos em todo o livro, um unico soneto, que ao menos fosse passavel. Porisso, a leitura de taes versos, é difficilima. O livro do sr. Mello, é um mau attestado de portuguez, isto sem exagerarmos.

Eis alguns trechos: (Do soneto Deus, o primeiro).  
"Uma palavra ás outras SOBREPONDO",  
quando o verbo sobrepor, é reflexivo no caso sujeito.

Do soneto Desejos:

"Para alguns a ventura em nada mais <sup>consiste</sup> que uns braços antever de escultural as- <sup>peito</sup> ou um seio, etc."

E, como estes, citariamos outros erros si não fosse a falta de espaço com que luctamos no presente numero.

Quanto a accentuação pullulam nos Diluculos, versos destes: "Elle que ja teve a ancora segura". (do soneto Supplica).

Outra cousa notavel neste soneto é a pontuação... Nas duas quadras não existe uma unica virgula...

Prosigamos, conservando a pontuação:

"A meia luz cor de opala do dia que já tropeça  
numa atonia perversa  
o coração se lhe estala..."

Passemos à metrica. Na poesia Alma de minha vida, logo o primeiro verso possui 8 syllabas: Isto em versos facéis como veem a ser as redondilhas maiores. Depois a accentuação tónica varia mas, tornando difficil a sua leitura. Vejamos:

"A si' alma é um ninho de flores".  
(em versos de 7 syllabas).

No soneto Pagina de Aldeia:  
"Procura a ave o ninho palpitante".

Ninho palpitante? Talvez se entenda com a ave, mas a miseria de pontuação... No mesmo soneto, que é decassyllabo, existe um verso neste gosto:

"O melopear do rio que além se espraia"

Em horas de amor, é outro soneto que, sendo de 10 syllabas, possui no 1.º tercetto um verso de 12:

"sem o féro pungir do soffrimento amargo"

O final dos «Diluculos» então é que vem a ser triste... Leia o sr. Edgard de Mello a poesia Dois capitulos e outras e analyse-as cuidadosamente. Além da farta quantidade de erros grammaticaes, falta harmonia, metrificação, etc. O sr. Mello ignora por certo que nem em todas as palavras podemos fazer o uso da synérese. Ora entre ellas podemos citar sua que o sr. Mello conta como s'a.

Isto é o a b c da metrica.

Os diptongos não podem ser alcançados pela synérese.

Translademos para aqui o soneto

Ricordo

A minha vida só tristor revela  
Como os braços piedosos de uma cruz,  
No emtanto outr'ora num crysol de luz  
Qual meiga per'la da cerulea umbella.

E' que eu passava num delirio á flux  
Colhendo inspirações nos olhos d'ella,  
Olhos de amor, amor que ardente estrélla  
A phantasia azul que nos seduz.

Quanto gosava em vel-a bem de perto,  
Fruir o seu sorriso—um ceo aberto,  
De sápidas promessas recamado...

E hoje saudoso como um velho monge,  
Vivo a evocar já que Ella está tão longe,  
Dos preludios do amor o bom passado.

(Copiado correctamente).

Ora ahi está o que alcançou o sr. Mello com a publicação dos Diluculos.

E será injusto, o critico que elogiar taes versos como os que vimos de transcrever.

Tenha paciencia, sr. Edgard de Mello, mas... Roma não se fez num dia...

L. MEYER.

\* MÃE! \*

Feliz daquelle que, no extremo lento,  
Tem quem lhe feche os olhos já sem brilho  
Feliz daquelle que, no soffrimento  
Supremo, da agonia e da tortura,  
Tem quem lhe affague a fronte com ternura,  
A soluçar:—meu filho!

BITTENCOURT JUNIOR

Quinzenaes



Julio dos Santos Junior  
Estimado collaborador d' "O Clarim"

Ha dias um pessimista, um tólo enfronhado no recato das conveniencias doentias, dizia-me:

—As festas á Santa Cruz, dos nossos bairros, é indigna de uma cidade civilisada como S. Paulo.

Não retorqui. E' sempre perigoso replicar ás asserções desses enfermos, porque pode se expor a gente á estopada de uma prelecção balofa sobre evolução social...

No entretanto, tenho o meu juizo formado acerca dessas festas e quanto mais os pessimistas teimam em affirmar que ellas são o constante pretexto do deboche e da desordem, mais me hei de eu vencer do contrario.

Não as acho, como elles, ruidosas em demasia, nem tampouco considero a alegria jovial dos que a frequentam irreverentemente profana, á santidade suavissima da Cruz...

Na sua sapiencia velha e poderosa, Deus saberá ler no recato das almas simples, abõa intenção das pagodeiras em honra aos pares da sua celestial corte, porque, emfim nada ha de mais sincero e nobre que a expansiva jovialidade dos crentes, reunidos algumas vezes por anno, num mesmo sentimento de tolerancia e amor ás coisas do Céu...

A Religião, não é como pintam-n'a alguns: uma megéra funebre e implacavel, que detesto os homens de bom humor e nega a minima condescendencia ás suas fraquezas.

A' Santa Cruz de todos os tempos pouco importa que o povo 'num transporte venturoso de entusiasmo ás suas virtudes se exceda, rindo, esque-

cido das attribuições da vida, levado na onda do prazer communicante, do prazer avigorado ao som das charangas e dos velhos trucs, remocados de cada vez que os proferimos de novo...

Todo o caminho da alma de cada um já lá ficbu aos pés da imagem, quando as guampas ainda estavam cheias, os violões quietamente a tiracolo e as gargantas seccas. Depois da obrigação primeira, do alto do seu nicho de rosas de papel e folhas de rosmaninho, á Santa Cruz pouco importa que o povo folgue na expansiva alegria de se julgar feliz...

E o certo é que nada ha que se pareça, em harmonia e realidade, com essas festas tradicionais, familiarisadas com o povo, que dellas recolhe para o espirito cançado, impressões patuscas e alegres.

E' por isso que eu digo, que de minha parte acho-as encandoras e não estarei nunca do lado dos reformadores da sociedade, dos tólos que reputam de mau pôrte todo o divertimento que se não formula em phraseados piegas de salão...

Os que vivem a dizer mal dos que se divertem, como bons christãos, nos maxixes do Pocinho e da Tabatinguera, não avaliam que—quando a humanidade deixasse de viver nessa athmosfera de divertimentos e toda se virasse para as realidades da existencia, transformar-se-ia 'num espectro macilento e horrivel—acaçada ao peso diprimente dos impostos e dos infortunios.

Não comprehendem, que aos nossos corações cançados da tristeza actual da vida, encher-se do consolado bom humor dos outros—é um achado.

O homem não pode viver eternamente acorrentado ao horroroso scenario dos terremotos, das pestes, das guerras, das seccas, suffocando n'alma a pouca ventura dalguns minutos. Deixal-o rir no esforço cruel de se esquecer do passado aluguel dos casebres, do fabuloso preço dos manjares...

Já agora, que os potentados do mundo o esquecem, dar cabo da fé que os une ás coisas de cima—será implantar no gremio social uma era de desconsolo e abatimento...

JULIO DOS SANTOS JUNIOR

Saudação



Bento Botelho Caldas  
Nosso prezado amigo

Daqui, embora distante dos meus inesqueciveis amigos, envio a minha sincera saudação, resumida em duas palavras, pela faustosa data de 25 de Maio, em

que «O Clarim» festeja alegre e sorridente o seu 4.º anno de luctas.

Acceitem, pois, um abraço dado com sincera expressão, pela justa e viva alegria, que deve reinar em vossos corações e da qual eu compartilho.

BENTO CALDAS

Santos, 24-5-1906

AO CORAÇÃO

(INÉDITO)

Coração, coração, não chores tanto!  
Descansa de bater dentro em meu peito.  
—Porque vives assim banhado em pranto?  
—Porque vives em lagrimas desfeito?

Guarda em ti, em teu seio, com respeito,  
aquelle amor sincero e sacrosanto,  
que o Tempo carregou... Tumulto estreito,  
não ergas do Passado o frio manto...

Já se foram, os sonhos de outras éras,  
e outros risos de amor, outras chiméras,  
abrigaram-se em ti, no seio teu...

Não releias, portanto, o meu Passado...  
Não me faças relembrar, que fui amado,  
não chores, Coração, por quem morreu!

(10-4-06)

PAULINO DE ALMEIDA



Raphael Mazza

Representante da Casa Affonso Mormano

Congratulo-me com os meus amigos Romero e Oscar, pelo brilhante triumpho d' O Clarim, o qual nos faz antever um futuro cheio de conquistas, as mais entusiastas.

A ambos o meu applauso sincero, pelo denodo com que têm sabido agir na manutenção da sua folha.

Do amigo e assignante

RAPHAEL MAZZA

Capital-25-5-1906

CANTARES

(de F. Romero)

Esses teus cartões, mimosa,  
são verdadeiros primores;  
ridentes tal qual á rosa,  
e lindos como os amores.

Como si fóra seu ninho  
dentro do meu coração,  
eu trago o teu retratinho  
com ardor e com paixão.

E lamento a tua sorte,  
por ser bem desventurada;  
mil vezes antes a morte  
do que a vida desnorçada.

Si não fóra o teu olhar  
que vem morrer no meu peito,  
nas bravas ondas do mar  
procuraria o meu leito.

No 4.º Anniversario

d' "O CLARIM"

O mez de Maio é indubitavelmente o mez em que se tem commettido os mais bellos, os mais nobres, os mais patrioticos e os mais humanitarios empreendimentos.

Ha, neste mez, tres datas,



Viaducto do Chá—S. Paulo

que, por si só, seriam o bastante, o sufficiente para que adorássemos este Maio em que tudo, lá nesse rosal do norte da minha patria, onde eu queria dormir o ultimo somno... se alcatifa de flores; para que adorássemos este Maio em que nas poeticas paragens da velha e augusta terra portugueza, a hera se engrinalda com mais vigor ao tronco dos decantados e frondentes carvalhos, em que os rios parecem murmurar mais docemente, casando o seu suave murmurio á harmonia dessa natureza immensa, incomparavel, que o pincel de nenhum Raphael jamais conseguiu imitar perfeitamente!

Foi neste bello e encantador mez que Vasco da Cama,

esse forte capitão, que a tamanhas empresas se offerece, encontrou o caminho marítimo das Indias Orientaes, abrindo, desse modo, as portas d'essas ricãs e ignotas regiões ao commercio universal, ao trato entre as mais afastadas gentes do globo!

Foi neste mesmo Maio que Cabral, o venturoso e illustre almirante, quando em viagem para a India, onde ia firmar relações commerciaes com o rajah de Calicut, arribou a esta terra maravilhosa, a este paiz onde tudo é grande e soberbo, onde a natureza, como apanagio do genio aventureiro e navegador dos nossos ancestraes, nos deu rios colossaes, magestosos como o Amazonas!

Foi neste mesmissimo mez de Maio que o sol da liberdade, começou a raiar na ter-

ra de Santa Cruz, em 7 de Setembro de 1822, mas ainda meio sepulto no horizonte, como clareando apenas as cumiadas, pois a mancha negra da escravatura só desapareceu em 13 de maio de 1888.—chegou ao seu apogeu! Foi neste mesmissimo mez que esse sol bemfazejo brilhou com todo o esplendor, acabando para sempre ab eterno, com a escravatura, com o captiveiro, com esse crime hediondo que, desde o principio do mundo, se perpetuou sem um grito de protesto dos grandes sabios, dos grandes moralistas e até—ó dura e crua verdade—com o consentimento, com o beneplacito, com o placet d'essa Igreja que, entre protestos, entre amuados suspiros, viu os grandes feitos dos Apostolos da Sciencia como Galileu!

Tambem neste mez foi que alguns moços, dentre os quaes se destacam Dutra Nogueira, e Francisco Romero, depois de sacrificios ingentes, lutando com o indifferentismo de uns, com a inveja de outros, puzeram a nado, a affrontar as procellosas ondas do oceano da publicidade *O Clarim*, que hoje se nos apresenta todo faceiro, cheio de galas, de louçaninhas, festejando o seu 4.<sup>o</sup> anniversario de uma existencia utilissima.

E, com os bons timoneiros que tem, por certo que a sua derrota continuará a ser brilhantissima, como até hoje, mas, se o futuro—o futuro que, como disse Victor Hugo,

"L'avenir! L'avenir! mystère!

"Toutes les choses de la terra,

"Ne sent jamais sur nos posées  
"Que comme l'oiseau sur nos toits!"

lhe fôr adverso, jamais os nomes desses moços que o construíram, que já encheram paginas primorosas do diario do seu roteiro, se imporão ao respeito dos seus amigos, porque

"La gloire, aube toujours nouvelle  
"Fait luire leur memoire et rodere leurs [noms!"

Maio de 1906.

EMILIO DE FIGUEIREDO.

## Notas diversas

**ESPONSAES.**—Contrataram casamento, nesta Capital, o sr. Julio Collaço, auxiliar da Light, com a gentil senhorita Antonietta Queiroz. Aos noivos deseja o *Clarim* um futuro de rosas.

**EM VIAGEM.**—No dia 29, á bordo do *Aymoré*, que partirá de Santos, deve embarcar para Cananéa, o nosso companheiro Paulino de Almeida, em companhia de sua extremosa mãe, d. Geraldina Amalia de Oliveira Almeida. Ao companheiro e amigo—bõa viagem e breve regresso, é o que desejamos.

**FRANQUINHO.**—Com transferencia da Faculdade do Rio, acaba de matricular-se na de S. Paulo, nosso amigo Antonio Martins Franco, — o *Franquinho*, como o tratam.

**NECROLOGIA.**—E' com a penna envolta em crêpe que aqui assignalamos a morte do illustrado medico paulista — dr. Ignacio Pereira da Rocha. Dotado de uma alma verdadeiramente caridosa, de espirito elevado, de sentimentos nobres, dr. Pereira da Rocha soube impor-se ao

## MUSA VADIA

Hoje tive a triste nova  
De que és noiva e que, talvez,  
Minha infiel Beatriz,  
Casarás daqui a um mez...

Fiquei sentido, é verdade,  
Não me acanho em dizel-o,  
C'o a recompensa que deste  
Ao meu carinho e ao meu zelo!

Sei tambem que tu disseste  
Sorrindo alguém com malicia...  
«Elle morre de desgo-to  
Ao receber a noticia...»

—Morrer?... Porque, minha flor?!  
Não sejas além de ingrata,  
Pessimista até ao ponto,  
De julgar que a dôr me mata.

Ao ver-te noiva, somente...  
E' verdade que soffri!...  
Mas, não tanto quanto pensas,  
Porque depois, reflecti.

Notando que isto, menina,  
De novidade é uma tolice...  
Que podes ter uns arrufos  
E o casamento... quem disse?..

S. Paulo, 9-5-1906

BITTENCOURT JUNIOR

publico paulista em cujo seio gosava da mais acatada reputação e estima. Ao illustrado corpo medico de S. Paulo—onde para sempre ficará aberta a vaga do eximio profissional-e a illustre familia enlutada, apresentamos os nossos peza-mes.

Paz á sua Alma.

—Falleceu em Santa Rita do Passa Quatro a exma. snra. d. Elisa Candida, extremosa esposa do sr. dr. Manoel Octavio, digno juiz de direito daquella comarca.

**ALFREDO DE ASSIS**—Matriculou-se no 1.<sup>o</sup> anno da Faculdade de Direito, desta capital, nosso prezado amigo e collaborador do *Clarim*, Alfredo Eugenio de Paula Assis, eximio poeta e bacharel em sciencias e letras.  
Ao mesmo, as nossas felicitações.

**ANNIVERSARIOS**—No dia 17 do corrente no meio de uma alegria verdadeiramente sincera o nosso prezado amigo Ricardo de Carvalho, festejou mais um anno de vida. Parabens.

—A 28 do corrente o nosso estimado assignante e amigo Costa Pereira, vae ter occasião de ser abraçado pelos seus numerosos amigos, em regosijo ao seu anniversario natalicio.  
Nossos cumprimentos.

**CONSORCIO**—No dia 30 do corrente realiza-se n'esta capital, o enlace matrimonial do nosso estimadissimo amigo Marcos Marx, com a gentil senhorita Basilice Schmidt, dilecta filha do snr. Augusto Schmidt.

Ao joven par auguramos um futuro sorridente, harmonioso e feliz.

A ultima hora fomos forçados a retirar das nossas columnas diversas secções, entre ellas **FESTAS SOCIAES, IMPRENSA**, grande parte do noticiario e o bellissimo conto **A LOUCA**.

Mais uma vez pedimos desculpas pela falta que tão involuntariamente commetemos.

## Sonetos á Morte

I

Eu que já me perdi na noite da descrença  
E sinto enfim que o Tédio o peito me carcome,  
Sinto nojo da Vida, é uma fatal doença  
Um grande mal sem cura, um grande mal sem nome.

Eu preciso morrer, cahir na noite immensa  
Do tumulo, onde o Verme asqueroso tem fome  
E lá encontrarei em vez do Céu da Crença  
A Terra, a bõa mãe, que todo o mal consome.

Consolo do Infeliz e redempção do Triste  
Para as mantas da Vida aos embates medonhos  
E' leito bem macio a tua negra cova.

E's a esperança enfim, de tudo quanto existe  
E tu és para mim que já perdi meus sonhos  
O doce alvorecer de uma Existencia nova.

Ah! que importa morrer! cahir no esquecimento  
Tranquillo repouso no seio do mysterio,  
Para quem a Vida um lugubre lamento,  
Para quem foi o Mundo um lodaçal funereo?

Para mim que senti das Tristezas o vento  
Das minhas illusões no vasto cemiterio,  
E nem uma esperanza em meu peito acalentou,  
Tu és, bendicta Morte, um sonho doce, ethereo...

Morrer! é extinguir todos pezares nossos  
E para mim que a dor o peito me reveste,  
A campa não é mais que uma ridente alfombra.

Onde tudo se some e ficam pobres ossos,  
E uma cruz ao luar por baixo de um cypreste  
Projectando no chão cabalistica sombra.

II

III

Quero agora abrigar-me ó Morte, no teu seio,  
Cantando o poema ideal dos meus loucos amores  
Si não creio no Céu depois de morto creio  
Numa nova existencia entre esplendentes cores.

Fruindo eterna paz sem o lugubre aneio,  
Desta vida infeliz toda cheia de horrores,  
Tranquillo dormirei sem magoas e receio,  
Dia ou noite, no inverno ou na estação das flores.

E no teu seio quente o meo noivado pulchro  
Ha de realisar-se ao findar o martyrio  
Da Vida sómente acerbas magoas ganho.

E á noite o fogo factuo á borda do sepulcro  
Ha de phosphorecendo aclarar como um cyrio  
O thalmo feliz desse noivado extranho.

Do livro "Vozes da Noite", inédito.

ALFREDO E. P. ASSIS